

Olurun



- **Concepção Iorubá da alma - Willian Bascom**

Traduzido por Aulo Barretti Filho & Luiz L. Marins

- **Aláààfin de Oyó**

Por Erick Wolff

- **Arisùn Ara Okú - Relato do Chief Adisa Awoyemi Olaifa Aworeni**

Enviado por Rudinei Oliveira

- **Arisùn ara òkú**

Por Rudinei Oliveira

Edição nº2

Redação



Erick Wolff

Editor - Diretor

Diretor Espiritual do Ilê Axé Nàgô'Kôbi



Dr. Roberto Tamelini Jr.

Juridico

Iniciado no *Orisáismo* Afro-sul

Conselho Editorial

Yasmin Pastore Abdalla

Isabella Annicchino

Roberto Tamelini Junior

Rodolfo Presti

Carta do editor

Ègúngún pode ser um *Ègún*, mas nem todos *Ègún* são *Ègúngún*, *Ègún* pode ser *Òkú*, porem nem todos *Òkú*ⁱ poderão ser um *Ègún*.

Ègún deve ser tratado com respeito, com dignidade e com boa vontade, porque *Ègún* é um ser respeitável.

Ègúngún são nossos ancestrais, nós não maltratamos nossos parentes, nós não desfazemos dos nossos parentes, nós devemos respeitar nossos parentes como eles nos criaram.

Ègúngún é um antepassado que viveu com honra e com dignidade, devemos a ele o respeito e a boa vontade de cultua-lo com honra.

Por Erick Wolff⁼⁼

ⁱ *Òkú* – Cadáver, esqueleto, equivalente a espíritos.

Concepção Iorubá da Alma

William Bascom

Apresentado no 5º Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas
Universidade da Pensilvania, Philadelphia.

In: Men and Culture, 1960: 401-10

Tradução¹

Aulo Barretti Filho

&

Luiz L. Marins

(pg. 401)

Como muitos outros povos africanos, o Iorubá acredita em almas múltiplas¹. Com este texto, se extrairá o número exato, a natureza e funções destas almas, e indicará as variações regionais e individuais em um padrão básico do credo. Em um reino, onde as crenças não eram dogmaticamente formuladas e onde as interpretações não estão sujeitas a uma verificação empírica, a capacidade para especulação individual é ampla, contudo um padrão subjacente é aparentemente bastante consistente. Doutrinas cristãs

¹Nota de Luiz L. Marins. Sugerimos ao leitor que use de discernimento ao ler este texto, pois Bascom, por desconhecer os conceitos de Noção de Pessoa dos Iorubá, confundiu informações. O que ele chama de “almas multiplas” deve ser entendido como “origens multiplas”. Bascom não alcançou o sentido das palavras *émí* (espírito) e *éémí* (respiração), além de não compreender o significado abstrato de *òjìjì* (sombra), como símbolo do duplo espiritual, o *enikeji*. Assim, quando numa frase as palavras, respiração, espírito, sombra, alma, não fizerem sentido, tente substituí-las, assim como a expressão “almas multiplas” por “origens multiplas”.

foram pregadas entre os Iorubá por mais de um século², e há mais tempo as crenças muçulmanas. Suas influências serão vistas em algumas interpretações, embora os adivinhos e membros dos cultos fossem frequentemente consultados numa tentativa de se determinar os padrões da tradicional crença, mas a convicção em almas múltiplas é encontrada até entre os seguidores de Maomé e mesmo entre os que frequentaram as escolas das missões. As regiões do país Iorubá aqui comparadas são representadas pela cidade de Meko, perto da fronteira do Daome, que antigamente limitava e formava o

²Influências cristãs foram amplamente disseminadas pelas escolas, e muito mais naquelas que foram missões controladas pelas igrejas, que eram quase todas [ou a grande maioria]. Um fato igualmente importante, e que é normalmente negligenciado ou omitido, é que os únicos dicionários Iorubá/Inglês ou Inglês/Iorubá que estiveram disponíveis durante todo o último século, foram preparados por e para missionários. Estes foram baseados no trabalho [feito no exterior] de Samuel Crowther, um Iorubá que foi capturado como escravo, e foi libertado pelos britânicos em Sierra Leone, onde foi convertido ao cristianismo. Crowther se tornou um dos primeiros missionários a ir para Nigéria, e que mais tarde se tornaria o primeiro Bispo africano da Igreja Anglicana. O "Vocabulário do Idioma Iorubá" que Crowther, publicou na Inglaterra em 1843 e 1852, e um dicionário de Inglês-Iorubá publicado em 1911 pelo Reverendo E. J. Sowande, outro Iorubá convertido, foram incorporado no "Dicionário do Idioma Iorubá", publicado pela Church Missionary Society, em uma edição de 1913 e outra de 1937, e em 1950, reimprimindo fotograficamente pela Oxford University Press.

reino de Ketu, em Iganna que também está próximo da fronteira mas compunha o reino de Oyo, e a sua capital, a cidade de Ife.

O Iorubá geralmente distingue pelo menos³, três almas separadas. A primeira é a respiração (*emi*)⁴ que reside ao mesmo tempo nos pulmões e no peito. Por analogia um informante de Ife, diz que as narinas são como os foles do ferreiro, que tem dois orifícios. A respiração é a força vital do homem, que, lhe dá a vida e o faz trabalhar. O segundo, é a sombra (*ojiji*)⁵, que pode também pode ser chamada de "cast" (*idanda*), como a cobra que troca de pele. A sombra não tem nenhuma função durante vida; não faz nada de mais, só seguir o corpo. A terceira e a mais importante é a alma guardiã

³Em Ife, todavia, uma única referência para a sombra foi registrada, "que na morte, a respiração e o guardião ancestral se unem no paraíso como uma sombra."

⁴*emi*, ou, *emi* (Ife).

⁵*ojiji*, ou *ejiji* (Iganna), *ojimijimi*, *ojimjin* (Meko), *oji*.

ancestral (*ẹlẹda ọlori*) que reside na cabeça e está associado com o destino do indivíduo e com a crença do Iorubá na reencarnação.⁶

A pessoa pode ver a sombra, ouvir e sentir a respiração, mas ninguém vê, ouve, ou sente o guardião ancestral. A respiração é sustentada pela comida que o indivíduo se alimenta; a sombra não possui substância e não requer nenhuma nutrição; mas o guardião ancestral deve ser ocasionalmente alimentado por sacrifícios conhecidos como "alimentando a cabeça" (*ibọ-(o)ri*). Na morte, normalmente todas as três almas partem do corpo (*ara*), e eventualmente alcançam o paraíso.

⁶Destes, Parrinder só menciona *gmi*, que ele traduz por alma (pág. 122). Farrow dá três almas: *olori*, um equivalente ou a alma guardião ancestral, *ipin-ijeun* e *ipori*; ele também menciona como equivalentes da "alma pessoal" *iwun* (o espírito), *ọkan* (o coração), e *ojiji* ou *oji* (a sombra, sombra ou fantasma) (pp. 130-132). Informantes de língua inglesa em Ife e Meko, comparam a respiração com o conceito europeu de alma, e sugerem como uma tradução para o guardião ancestral "anjo" ou "os trabalhadores de Deus" (*onse Olorun*), uma tradução de dicionário para "anjo." Posteriormente, sugerido por um muçulmano com quem tinha aprendido inglês, fora da missão e das escolas do governo, o Dicionário assim proposto, sofre forte influência com enormes consequências.

De acordo com os informantes de Meko, é a respiração que deixa o corpo durante sono, visitando em sonhos, lugares distantes. Quando a pessoa desperta ele pode dizer sobre as coisas que ela viu e fez em outras cidades, considerando que outros saibam que o seu corpo permaneceu no mesmo quarto com eles. Quando a respiração for longe, não se pode acordar depressa esta pessoa, é considerado perigoso como se acordar um bebê de repente, antes que sua respiração pudesse retornar; ele chorará e ficará doente, mas não é provável que morra. Consequentemente uma mãe olha primeira debaixo do pano que cobre sua criança, e se ela vê que ela está dormindo profundamente, ela não o perturba. Os informantes de Ife concordaram que é a respiração que parte do corpo em sonhos, mas nos seguiu que há nenhum perigo de despertar uma pessoa quando está longe, desde que ela retorne imediatamente. Por outro lado, um informante de Iganna manteve que é a sombra que viaja em sonhos, argumentando que se pode ver uma pessoa dormindo respirando normalmente, e que se a respiração deixar uma pessoa ou sua sombra não retornar, ele morrerá.

(pg. 402)

A maioria dos informantes negam conhecimentos e que operem com a magia má e com “as bruxas”⁷. Em Meko, eles negaram a existência que pegam uma alma e lhe causam doença ou morte, mas dizem que é a respiração de uma bruxa que deixa o seu corpo enquanto dorme para perpetrar o mal. Eles creditaram as bruxas que comem os corpos (*ara*) das suas vítimas, mas manteve que eles não fazem nada à respiração ou à outras almas. Um informante de Ife, que reivindicou e lhe foi creditado uma dúzia de mortes por magia, disse que há as pessoas que fazem poções que são como uma armadilha, que pega a respiração e evita o seu retorno ao corpo, causando assim a morte em suas vítimas em quatro dias. Ele também descreveu uma poção, que, lhe deu o poder de ver as almas de pessoas vivas e predizer a sua morte através da conduta [forma ou modo] da sua alma. Ele explicou que a respiração é reconhecível e se assemelha a pessoa viva, e que, se ele vê alguma pessoa que um curandeiro tirou, arrastou e amarrou a sua alma, ele sabe que a pessoa está para ser morta. Ele contou que uma vez, ele tinha visitado um parente doente e tinha sabido que ele ia morrer porque quando ele partiu,

visitado um parente doente e tinha sabido que ele ia morrer porque quando ele partiu, ele viu a alma do menino o seguindo.

A função da respiração em Ife e em Meko é [a mesma] atribuída à sombra em Oyo e Iganna. É também verdade o caso da visita de despedida realizada imediatamente após a morte a parentes que estão longe de casa. Quando um homem morre em Meko, por exemplo, ele pode aparecer para um parente em Abeokuta, talvez no mesmo dia da sua morte. Depois de trocar saudações, o parente pode investigar o que o trouxe a Abeokuta, e o defunto explica que ele veio comprar algo e que já está indo de volta casa. Ele pergunta então, "Você ouviu que alguém lá de casa morreu? Você recebeu uma carta?", subentendendo-se que ele veio de Ilaro (ou de alguma outra cidade que não a sua), e que alguém no caminhão lhe tinha dito que tinha havido uma morte na sua casa, mas que não sabia quem era. O parente está desavisado que a sua visita é quem está morto,

⁷Esta não é uma tradução especialmente feliz do termo Iorubá (*ajé*), mas foi extensamente usado na literatura e aceita pelos Iorubá que falam inglês. Os conceitos Iorubá associados com este termo também variam individualmente e regionalmente, mostrando graus discrepantes de diferenças e de semelhanças para com as concepções europeias de bruxas e vampiros.

mas logo depois, talvez no próximo dia, ele recebe em casa a notícia da morte de um parente. O morto só aparece deste modo a esses que ainda não ouviram falar do seu falecimento.

A convicção nestas aparições de despedida são bem difundidas, embora em Iganna e Oyo elas são creditados à sombra no lugar da respiração, como é em Meko. Os informantes de Meko discutiram que é a respiração, no lugar da sombra, porque a morte conversa aonde ele visita. Eles chamam atenção, como os outros informantes também confirmam, que esta é a última vez que o morto fala com os vivos. Depois, informantes de Meko explicaram. A presença de uma pessoa morta pode ser sentida, como quando alguém parece estar se levantando à noite com você no seu quarto e você não o pode ver, mas você sente um frio. No caso, é a sombra, porque não fala. E uma pessoa morta pode ser vista em sonho, enquanto você se levanta silenciosamente e a uma certa distância, ele fica olhando para você mas não diz nada; e se você falar, ele não responde. Eles argumentam que também neste caso é a sombra, no lugar da respiração, porque não pode falar. É impossível falar sem a respiração, e uma pessoa morta não pode falar com ninguém que já sabe que ele está morto. Então, eles concluem que depois da visita de adeus, a respiração vai para o paraíso e não mais reaparece.

Cada indivíduo tem um dia predeterminado no qual tem que voltar ao paraíso. Este dia é fixado para ele quando ele nasce por *Olorun*, o Deus do céu ou do paraíso. Não pode ser postergado por orações, sacrifícios, encantamentos, magia ou por qualquer outros meios. Não há nenhum modo de se prolongar o período de vida concedido por *Olorun*, mas pode ser reduzido pelas outras divindades (*orisha*), pelas bruxas (*aje*) e por encantamentos [feitiços] ou magia (*ogun*), mas há encantamentos para assegurar que aquela pessoa não morrerá até que o seu tempo [real] tenha acabado. Estes que morrem naturalmente porque são idosos e sobreviveram o seu tempo concedido são chamado de "aquele que possui o (seu) dia" (*olojo*), significando que ele alcançou o último dia dado por *Olorun*, mas uma criança...

(pg. 403)

... que morre após alguns anos ou até mesmo alguns dias são também assim reconhecidos como os idosos. Esses que vivem fora do seu período de vida concedido vão diretamente para o paraíso. Esses que são mortos antes que seu tempo tenha

acabado é que são os fantasmas que são vistos vagando proximamente. Eles permanecem na terra até que seu dia ["real"] finalmente chega.

Um homem nascido e criado em Iganna, mas que era um adivinho praticante em Oyo, explicou que lá os fantasmas vão embora para cidades onde eles não são conhecidos e se estabelecem como comerciantes. Eles podem falar com pessoas que não os tenham conhecido previamente, e aparecem para eles como pessoas vivas normais. O fantasma de uma mulher pode se casar e ter muitos filhos, e a pessoa pode se casar com um fantasma sem ter conhecimento disto. Se alguém que conheceu o fantasma antes dele morrer vier a cidade, ele desaparece. Se alguém que viveu em Oyo durante talvez uns dez anos e não é conhecido por ninguém que de lá ele veio, há uma boa razão para se suspeitar que ele seja um fantasma. É a sombra que se torna o fantasma, mas desde que pode falar com estranhos e pode passar como uma pessoa viva, a respiração permanece [junto] com a sombra. Quando o dia designado por Olorun chega, o fantasma "morre", uma segunda morte e vai para o paraíso.

O morto retorna a sua casa quando seus filhos oferecem comida às suas sepulturas, ou lutam com os seus antigos inimigos ou aqueles que os prejudicaram, mas

acabado é que são os fantasmas que são vistos vagando proximamente. Eles permanecem na terra até que seu dia ["real"] finalmente chega.

Um homem nascido e criado em Iganna, mas que era um adivinho praticante em Oyo, explicou que lá os fantasmas vão embora para cidades onde eles não são conhecidos e se estabelecem como comerciantes. Eles podem falar com pessoas que não os tenham conhecido previamente, e aparecem para eles como pessoas vivas normais. O fantasma de uma mulher pode se casar e ter muitos filhos, e a pessoa pode se casar com um fantasma sem ter conhecimento disto. Se alguém que conheceu o fantasma antes dele morrer vier a cidade, ele desaparece. Se alguém que viveu em Oyo durante talvez uns dez anos e não é conhecido por ninguém que de lá ele veio, há uma boa razão para se suspeitar que ele seja um fantasma. É a sombra que se torna o fantasma, mas desde que pode falar com estranhos e pode passar como uma pessoa viva, a respiração permanece [junto] com a sombra. Quando o dia designado por Olorun chega, o fantasma "morre", uma segunda morte e vai para o paraíso.

O morto retorna a sua casa quando seus filhos oferecem comida às suas sepulturas, ou lutam com os seus antigos inimigos ou aqueles que os prejudicaram, mas

eles não são vistos. Se eles estão lutando e aparece um conhecido e são reconhecidos por ele, ele morrerá. Porém, geralmente os fantasmas ficam longe de casa onde eles podem ser vistos sem o perigo de serem reconhecidos. Em Abeokuta há um mercado (*idoku*) onde os fantasmas são vistos frequentemente à noite. Se eles se aproximam de alguém que os conhecem, eles se viram, e quem os viu sente um frio como o que precede uma febre. Quando são cumprimentados eles nem respondem, porque não podem falar com ninguém antes da morte. Embora eles caminham sobre o chão, os seus rastros não podem ser vistos; e se são reconhecidos, eles desaparecem. Ele também ouviu que os fantasmas em Ife possuem um bairro [ou um quarteirão] especial, e que também perto de Ife, há um buraco da morte (*ikoto iku*) onde vivem muitos fantasmas, e que por esta razão muitas pessoas temem ir para Ife para negociar.

Outro homem de Iganna, que serviu como intérprete e mais tarde se tornou oficial de justiça, confessou uma vez, que ele tinha de medo de visitar Ifé, onde de acordo com as tradições iorubá, o mundo foi criado e ali os deuses viveram, e disseram para ele que ela era habitada pela morte. E um homem de Ifé, ele mesmo contou, quando ele foi enviado para Ila como um oficial de justiça, ele teve que contratar transportadoras para carregar suas coisas, pois as pessoas temiam visitar Ifé pelo mesmo

motivo. Informantes de Oyo falam da morte executando seu serviço próximo de Lagos, em tempos antigos.

A sombra não foi mencionada em discussões sobre a alma, em Ifé, e em Meko ela não tinha funções, embora ela siga o corpo durante a vida e parte na morte. Em Meko, a respiração é que faz a visita de despedida, após o que ela vai imediatamente para o céu, enquanto em Ifé, ela vem a ser um espírito que pode permanecer na terra. Em Iganna e talvez Oyo, a sombra vem a ser o espírito que faz a visita de despedida e pode permanecer na terra, mas acredita-se que a respiração permanece com ele, por que o espírito pode falar. Alguns informantes de Oyo no início diziam que desconheciam o que acontecia com a sombra, a respiração ou o Ancestral Guardião, mas depois disseram que é a sombra que faz a visita de despedida. Informantes de Ifé fazem distinção entre almas e espíritos (*íwin*) que não tiveram formalmente vida entre os humanos, embora informantes de Iganna usaram a palavra *íwin* para ambos. Sem entrar completamente na concepção da outro mundo, nota-se que existem dois céus localizados na mesma parte do universo, segundo alguns...

(pg. 404)

... mas não para todos, que acreditam estar dentro ou mais além, o céu. Aqueles que tem sido cruéis ou maldosos, ou são acusados de assassinato, assalto, roubo, calúnias, feitiçarias, ou de ter prejudicado as pessoas, são punidos por seus maus atos na terra, no céu ruim, (*orun buburu*, *orun buruku*), também conhecido como o céu de cacos (*orun apadi*). Informantes de Ifé mencionaram que caminhar no sol do meio-dia é uma das punições, mas eles descrevem o mau céu quente como pimenta, não como fogo. Para Farrow, ao contrário, não é seca, estéril, carente de água, ou “aquecido com carvão vegetal como um forno de cerâmica”⁸. O simbolismo do céu de cacos representa alguma

⁸Farrow, pág.. 133. A convicção na punição após a morte é dito ser tradicional, e um adivinho de Ifé declarou que esses que adoram as divindades Iorubá (orishas) acreditam nisto mais que os cristãos, e então não faz mal. Outros informantes mostraram que eles sabem que lá há recompensas e punições no pós mundo [em relação ao] comportamento desses que estão morrendo. Uma pessoa cruel clama, que alguém o está ferindo, ou pondo uma corda ao redor do seu pescoço, mas uma

coisa que é quebrado no além e irrecuperável, pois as almas que são enviadas ali não podem ser restauradas para reviverem através da reencarnação. Suicidas, mimilarmente, não podem renascer; eles não vão para o céu e, tendo renunciado à terra, não pertencem a nenhum. Eles serão maus espíritos (*iwin buruku, iwin buburu, eburu*), e agarram-se nos topos das árvores como morcegos ou borboletas.

O bom céu (*orun rere*) é também como referido um céu de contentamento (*orun alafia*) ou o céu de brisas. Ali o ar é fresco e todas as coisas são boas, os erros da terra são corrigidos e os prejuízos são recuperados, mas a vida é muito parecida com a da

peessoa amável pode dizer que alguém está trazendo comida ou bebida para ele. Os conceitos Iorubá de dois paraísos [céus] diferem do conceito cristão, de céu e inferno, mas as convicções de alguns indivíduos foram influenciadas pelas missões ou pelo Dicionário. Enquanto Crowther originalmente traduziu *orun-apa* como " (Lit. o mundo invisível de potsherds), lugar de [punição,] castigo, inferno." o Dicionário traduz isto simplesmente como "inferno". Também há uma possibilidade que a distinção entre céu (*orun*), o topo do céu (*oke orun*), e a face do céu (*oju orun*) foi introduzido numa tentativa de se encontrar um termo satisfatório equivalente para o paraíso [céu].

terra. Aqueles que fizeram o bem sobre a terra, permanecem ali até reencarnarem, não por que o céu é mau, mas por que eles desejam retornar para a terra em outra geração, para que eles possam estar com seus filhos.

O ancestral renascido como um filho pode ser identificado através de semelhança física, similaridade no caráter ou comportamento, através de sonhos em que o ancestral conta para alguém da família que ele retornou, ou através da divinação feita para a mãe durante a gravidez ou para a criança recém-nascida. Os nomes pessoais “Pai Retornou” (Babatunde) e “Mãe Retornou” (Yetunde), pode ser dado para a criança do mesmo sexo do ancestral reencarnado, mas um ancestral pode ter renascido em uma criança de sexo diferente [do dele]. Conforme os informantes de Meko, as semelhanças das crianças com seus pais vivos não é relacionada como reencarnação, mas conforme os informantes de Oyo, um pai e seu filho ou filha pode ser reencarnação do mesmo ancestral, explicando assim marcantes similaridades entre eles. Mas a alma de um ancestral pode ser compartilhada por mais de uma pessoa.

Uma pessoa é quase sempre renascido dentro de seu próprio clã, de modo que a Alma Guardiã é a mesma do ancestral patrilinear. Entretanto, um informante de Ondo assegura que, se uma mãe ama muito seu filho, ela pode ser reencarnada como seu

descendente, e neste caso a alma deixa o clã de seu pai. Informantes de Ifé também asseguram que uma criança também pode ser a reencarnação de um ancestral da mãe, e que a alma regressa para seu próprio quando a criança morre. Entretanto, um adivinho de Iganna, assegura que a alma não é sempre renascida dentro de seu próprio clã, mas pode ir para qualquer lugar que deseja, citando como prova as declarações daqueles que dizem que quando eles morrerem, eles irão de volta como filhos de um rei, ou para uma cidade diferente, ou até mesmo para a Europa.

De acordo com este adivinho de Iganna, a respiração, a sombra e a Alma Ancestral Guardiã no novo corpo, após o que seu espírito nunca mais é visto novamente. Entretanto, informantes de Meko sustentam que todos os três estão reunidos no céu, e se todos forem renascidos, não haveria ninguém no céu para proteger a pessoa, exceto os deuses. Além disso, sacrifícios podem ser requeridos para um avô mesmo após ele ter renascido como um filho, e ele pode reaparecer um sonho, o que significa que ele está reencarnado em uma criança que nasceu recém-nascida. Assim, a respiração (e a sombra) permanecem no céu com um espírito...

(pg. 405)

... ancestral, enquanto que para a Alma Guardiã Ancestral lhe é dado um novo corpo, uma nova respiração e um novo destino por *Olorun*, quando ele for renascer. Assim cada pessoa viva tem a alma guardiã de um antepassado, que já pode ter sido reencarnado em outros [dos seus próprios] antepassados, e pode ainda reencarnar por muito mais vezes, nas futuras gerações como seus próprios descendentes.

A alma guardiã ancestral, não tem nenhuma manifestação material, é um conceito que apresenta enormes oportunidades para especulação individual e grandes dificuldades de interpretação. Diferentemente da sombra e da respiração, não existe tradução, mas há termos em Iorubá que podemos recorrer para “falar” da alma guardiã ancestral. Destes, dois que geralmente são mais usados derivam do verbo que significa criar (*dá*) ou formar [moldar] ou [ser a] origem. Uma (*eda*) é literalmente “a criação” ou “a criatura”, enquanto o outro (*elede*) pode ser traduzido como o “o dono da criatura”, como em o “o dono da casa” (*onile*), ou como “o criador” como em “o tocador de tambor” (*onilu*). As dificuldades semânticas envolvidas se aprofundam muito mais do

que os problemas de traduções, porque alguns informantes contestam aqueles que se referem a *eda* ou "criatura" como uma associação que foi informada, pois, tanto serve para uma galinha como para o próprio homem, mas não para qualquer entidade espiritual associada com homem; enquanto outros informantes identificam "o criador" com *Olorun*, o Deus do Céu, mantendo que para todos, tanto os homens como os animais há apenas um único "criador" (*eleḡda*)⁹. Posteriormente poderemos responder estas dúvidas, declarações contraditórias, e diferenças de opiniões sobre se o guardião ancestral está na terra, ou no paraíso, ou em ambos.

Para ilustrar a confusão que resulta, veremos na sequência as seguintes declarações contraditórias de um informante cujas observações não indicaram nenhum desejo de atordoar: "A alma ou respiração (*emí*) e a criatura (*eda*) são as mesmas coisas.". O criador (*eleḡda*) é o guardião da alma. A criatura (*eda*) vive no homem; o criador (*eleḡda*) vive com Deus, mas não é *Olorun*. São o mesmo que *Olorun* que é o

⁹Esta interpretação foi apoiada durante um século pela tradução de *elḡda* no Vocabulário de Crowther (Criador, Fabricante, o Ser Supremo) e no Dicionário de Iorubá (o Criador, o Ser Supremo).

Criador (*elēda*), o Deus que fez o homem. Há dois criadores (*elēda*), um na cabeça e um no paraíso. O da cabeça é o mesmo que está no paraíso. Cada pessoa tem o seu criador individual (*elēda*) no paraíso. Quando alguém fala que cada pessoa que tem o seu próprio e individual criador (*elēda*), está se referindo ao indivíduo na terra, i.e. e para o próprio indivíduo. Mas, existe somente um criador (*elēda*) no paraíso para todo mundo, i.e. "*Olorun*".

A alma guardiã ancestral é também chamado de cabeça (*ori*), onde reside, e como "o dono [possuidor] da cabeça" (*olori*), entretanto alguns informantes contestam novamente, que o *olori* só se refere a indivíduos vivos como chefes ou presidentes que são "cabeças" de grupos sociais, e que não tem nenhuma conotação espiritual. Especulações semelhantes surgem sobre se a respiração (*emi*) é a mesma coisa que "O dono [proprietário] da respiração" ou o "vidente" (*elēmi*), um termo derivado qual é geralmente usado, mas não é comum neste contexto. Parece se ter boas razões para se acreditar que as regras morfológicas Iorubá para a formação de substantivos de verbos contribuíram às especulações e interpretações variadas sobre as contrapartes espirituais

de homem [duplo, doble]¹⁰.

Finalmente, a alma guardiã ancestral é também conhecida por um termo (*iponri*, *ipori*, e *iponrin*), cujo significado literal não pôde ser determinado. Também se refere aos dedos polegares dos pés e das mãos (ambos conhecido como *ataparako*, *ataparunko*, *atanpa*), em Ifê os ancestrais são cultuados quando se alimenta o polegar do pé, saudações e nomes-frases de elogio [*oriki*] são realizadas para os ancestrais individuais e em geral, e em Gana e Oyo em um santuário existe um objeto que simboliza o deus e

¹⁰Nota de Luiz L. Marins - As expressões “doble e/ou duplo no *òrun*”, também conhecido por *gnikeji* (segunda pessoa), como referência ao corpo espiritual que coexiste com o corpo físico foi muitíssimo mal interpretada em português. Assim falando, faz parecer ao leigo, que o duplo é uma consciência ou uma personalidade à parte do ser humano, chegando mesmo a afirmarem que é este duplo, ou *gnikeji*, que vem alimentar-se no bori. Não é verdade e assim não deve ser entendido, por dois motivos: a) dizemos que o duplo está no *òrun*, apenas porque, não o vemos, e não porque seja ou esteja à parte do ser humano; b) a palavra *gnikeji* tem dois significados; a primeira, já falamos, e a segunda refere-se a um *alàààbò'run* (protetor espiritual), o qual, este sim, é uma outra consciência ligado à sua família espiritual (*egbô-òrun*).

através do qual deus é alimentado. A Alma Guardiã Ancestral está situada, por alguns informantes no topo da...

(pg. 406)

... Cabeça ou na coroa (*atarí, awùjè*). Aqui em Ife, um informante explicou, que uma pessoa poderia ouvir o pulsar da batida de uma criança recém-nascida na coroa, e que a respiração parte do corpo com a morte. Para outros informantes, ela fica situado na testa (*iwaju, orí*) e pode ser referida especificamente pela palavra cabeça (*orí*). A testa é associada com a sorte do indivíduo, que é uma parte do destino (*iwa*) que a ele foi designada por *Olorun*, quando ele nasce. O guardião ancestral também é associado com a parte de trás da cabeça ou occipital (*ipako, òrun*), [ele guarda a parte de trás da cabeça e representa as [suas] mortes passadas.??]. O protege contra mal de lugares, dos quais ele tenha partido, e se a ele é contado algo ruim que lhe aconteceu em um lugar onde ele esteve no passado, é ao seu occipital que ele agradece por ter ouvido sobre isso.

Como occipital o adverte contra as mentiras do passado, os polegares dos pés lhe contam antes sobre o bem e o mal dos que mentem. Informantes de Oyo explicaram que, independentemente do sexo do indivíduo vivo, se a alma guardiã ancestral é masculina, quando coça o dedo do pé esquerdo é um presságio de boa fortuna, quando é o dedo do pé direito, o guardião ancestral é feminino. Porém, todos os outros informantes explicaram que cada indivíduo determina para si mesmo qual é dedo do pé que trás os presságios de bom e qual o de mal. Se um homem coça ao seu modo o dedo do pé direito, e ele vai para Lagos e quando lá chega acha tudo aquilo que ele veio comprar disponível e a preços razoáveis, enquanto em outra viagem ele é roubado depois de coçar o dedo do seu pé esquerdo, ele assim saberá interpretar estes importantes presságios no futuro. As únicas partes do corpo que ele pode "conversar" é com a cabeça e os polegares do pé, os dedos falam por presságios.

Um adivinho de Ifé mantém que a alma guardiã ancestral (*elēda*) é na coroa, e a cabeça (*orí*) é na testa, e o occipital (*òrun, ipako*) é na parte de trás da cabeça, e que são três almas distintas. Eles permanecem na cabeça até morte, quando todos os três vão para o paraíso onde a alma guardiã ancestral presta a conta de tudo, do bem e do mal

indivíduo está fazendo na terra, embora ele sempre será na sua forma adulto, mesmo quando o indivíduo vivo [na terra] seja ainda uma criança. Se a pessoa tiver o apoio completo e proteção do seu guardião ancestral do céu¹¹, ele sobreviverá a todos os lapsos da vida destinado a ele por *Olorun*; mas se ele não tiver, ele morrerá antes do seu tempo. Se uma criança morre cedo ou nasce morto, sua respiração e o guardião ancestral da cabeça relata para o outro no paraíso, e assim os manda de volta imediatamente para terra para ser novamente renascido; agora esta criança viverá até uma velhice avançada. Alguns indivíduos conhecem encantamentos ou remédios usados para prejudicar ou matar uma pessoa, "envenenando" a sua alma guardiã ancestral, mas contanto que permaneçam bem longe evitando assim que ele mesmo não fique doente.

¹¹Nota de Luiz L. Marins – Neste parágrafo, Bascom não consegue separar os conceitos, conforme comentados na nota anterior, fazendo uma enorme confusão entre *gnikeji* (duplo) e *òkè-ipònrí* (ancestralidade, massa genérica de origem), que ele chama ingenuamente de “alma ancestral guardiã”, por desconhecer o significado de *gnikeji* como *aláààbò'run*.

(pg. 407)

Questões similares surgiram sobre os dedões dos pés e os polegares. Farrow lista *ipori*, referindo-se ao dedão do pé, como a terceira alma. Um informante de Iganna disse inicialmente que o dedão do pé é como uma alma separada, e que existem dois Ancestrais Guardiões, uma na cabeça da pessoa dando a ele boa sorte, e outra segue por trás dele, olhando por ele e evitando o mal. Depois, entretanto, ele reviu sua opinião, dizendo que existe apenas uma Alma Ancestral Guardiã na cabeça, incluindo a testa, a coroa e a nuca, e isto é complementado pelo dedão dos pés. Na morte, a respiração, a sombra e a Alma Ancestral Guardiã partem, ficando apenas o corpo. Similarmente, informantes de Oyo falam da Alma Ancestral Guardiã que segue alguém como uma sombra, embora ela viva dentro da cabeça. Eles insistiram que não existe espírito separado nos dedões, somente o Ancestral Guardião que controla ambos, a cabeça e os pés. Depois, eles esclareceram que os termos *eda*, *eleda*, *ori*, *olori*, *ipako* e *ipori*, todos referem-se ao Ancestral Guardião, e que o homem tem somente uma respiração, uma sombra e um Ancestral Guardião. Informantes de Meko confirmaram que há apenas o

Ancestral Guardião que está nos pés, nos polegares e na cabeça, na testa, coroa e na nuca. Não existe nada que deixa os pés, o peito, a cabeça ou a nuca, na morte, quando então somente o Ancestral Guardião, a respiração e a sombra, partem e encontram-se juntos no céu.

Farrow nomeia como segunda alma *ipin-ijeun*, “o compartilhador de comida”, citando um provérbio que diz “Não existe orixá como o estomago. Ele recebe comida todos os dias”. Entretanto, informantes de Meko dizem que isto foi apenas uma piada, e informantes de Oyo descrevem o provérbio como uma anedota dos orixás, dizendo que *ipin-ijeun* é apenas um nome de louvor para o estomago. O adivinho de Iganna identifica *ipin-ijeun* como um pequeno intestino, não como uma alma, mas parte do corpo encontrada nas galinhas, bem como no homem. Contudo, ele refere-se à “cabeça do estomago” (*orinu*, *ori inu*) ou “ancestral guardião do estomago” (*eleḡda inu*), como alguém que pode estragar a sua sorte empurrando-o para uma luta, reconhecendo-o como um outro aspecto ou manifestação da Alma Ancestral Guardiã.

Os polegares foram mencionados como tendo algum significado somente em Meko, onde eles são mencionados como sendo o *iponri* da mão (*ipori owo*), para

distingui-los dos dedões do pé, o *ipori* dos pés (*ipori ese*). Acredita-se que o Ancestral Guardião vive nos polegares, nos dedões, bem como na cabeça, e eles são examinados quando um homem está seriamente doente. Quando uma pessoa está para morrer, eles ficam finos, com pouca carne, mostrando que “o corpo está começando a secar”, e se eles são cortados, eles não sangram. Outras funções dos polegares não foram mencionadas, mas no rito da “alimentação da cabeça”, as comidas tocam antes os dedões, os polegares, e a testa para alimentar a “Alma Ancestral Guardiã”. Se um pombo é morto, um ponto de sangue é colocado em cada um deles, com o dedo.

Em Meko e Iganna, a cabeça é alimentada somente quando é dito para alguém fazer, ou em sonhos, ou por um adivinho, que indica que comidas precisam ser oferecidas. Enquanto alguns nunca fazem, outros podem fazer apenas uma ou duas vezes durante sua vida inteira. E um adivinho pode especificar qual dedão ou polegar deve ser alimentado, ou se é também para o Ancestral Guardião na cabeça.

Em Oyo, cada adulto casado que não seja muçulmano ou nem cristão, [possui] um objeto moldado de forma piramidal no qual é aplicado pano e couro, é usado como tampas especiais, que são conhecidas por "alimentando a cabeça" (*Ibori, ibo ori*). Cada

ano, no festival anual para o seu deus (*oriṣa*), ele adivinha com coco e cola [*obi*] para descobrir se sua cabeça requer comida. Se não quiser, somente o coco e a cola com pimenta da guiné...

(pg. 408)

... [*atare*] são borrifados na parte inferior deste objeto. Se um animal vivo for requerido; seu sangue é tocado no polegar do pé que indica o bem e para o fundo [na parte inferior] do *ibori*, mas nunca na cabeça. Somente os pedaços de coco e cola são tocados na testa antes de dividi-los. Então ele reza: - "Cabeça, por favor, oh. Não deixe que nada aconteça ao meu filho."

Em Ife, alimentos individuais [são oferecidos] para a cabeça, anualmente numa cerimônia que ele chama de "meu próprio festival" (*odun mi*). Toca na sua a testa, a noz de cola [*obi*] com a qual ele adivinha, um prato com pão de *ṣyan* [inhame pilado] e um de sopa, que foram preparados para ele, e se um animal é matado, também [na sua testa] fará uma mancha de seu sangue. Ele permanece no seu quarto vestido com finas roupas

e sentado [ou] com a cabeça [?] na esteira, e é visitado por amigos e parentes, com quem ele os entretém com comida. “A pessoa é como um ancião no dia do seu festival”, como diz o provérbio, porque todo o mundo que o visita tem que se prostrar perante ele. Parentes íntimos que conhecem os seus [*oriki*] nomes/frases de elogio de seus ancestrais, os recitam então, enquanto rezam e pedem para que ele tenha dinheiro, filhos, e uma vida longa e próspera.

Cada indivíduo, mantém a mesma data do seu festival pessoal, e carrega a mesma frase/nome ancestral [*oriki*] como o seu antepassado nele reencarnado. Sacrifícios à sepultura do defunto são também oferecidos pelos seus filhos na data que ele mantinha para o seu festival pessoal. Neste dia, os espíritos daqueles que viveram plenamente suas vidas, alcançando então uma velhice madura, podem voltar a terra e podem sentar com o vivente, mas eles não podem serem vistos, ao menos que sua face fosse lavada com um preparado especial. Através das ancestrais frases/nomes de elogio (*ekiki iponri*, *oriki iponri*), falam do antepassado reencarnado no indivíduo, e vão até o seu mais remoto antepassado (*iponri*) o primeiro que os carregou. Dentro do clã há um

número limitado de nomes de elogio dos ancestrais [*oríkì iponrì*] que são compartilhados por muitos membros do clã, são todos estes que realizam no mesmo dia os seus festivais pessoais. Eles sustentam que seu antepassado (*iponrì*), a alma guardiã ancestral (*elēda*) e a cabeça (*orì*) são [de] todos os mesmos. [ou: “são os mesmos de todos” ???]

Assim parece que, enquanto a alma de um recente antepassado é reencarnado em um indivíduo, uma reencarnação de uma alma de um antepassado mais remoto é compartilhada com vários outros membros vivos do clã. Todos os membros de um clã que carregam o mesmo nome de elogio dos ancestrais, são descendentes espirituais por umas séries de reencarnações, do antepassado remoto (*iponrì*) que primeiro deteve estes nomes, igualmente os patrilinear do fundador do clã. Embora relacionados com o clã, estes grupos de descendentes espirituais diferem de quaisquer dos grupos de parentesco conhecidos, parece que os nomes de elogio dos ancestrais de um indivíduo podem diferir dos seus irmãos ou de qualquer parente. Embora foram obtidos detalhes adicionais, o significado completo não pôde ser investigado porque o nome de elogio do antepassado, que o indivíduo porta, é considerado o aspecto mais sagrado e secreto da

cultura de Ife. Investigações sobre este antepassado, são consideradas uma das mais sérias afrontas pessoais, porque o conhecimento da sua "história" (*itan iponri*) ou os nomes de elogios, dá o poder [a alguém] de matar uma pessoa chamando a sua alma guardiã ancestral, e alguns informantes mantêm que morrerá aquele que falar até mesmo sobre o seu próprio *iponri*.

Foi expressa a importância da alma guardiã ancestral repetidamente e de varias maneiras. "o *iponri* é adorado por qualquer semelhante, por reis e por pobres... a cabeça é o deus principal do indivíduo (*orisha*); não é como Xango ou *Oya*, mas até mesmo estes deuses tiveram suas cabeças, e a pessoa não pode cultuá-los se elas não tiverem sua própria cabeça... a cabeça é então a mais importante que todo o mundo, inclusive dos seus próprios deuses... a cabeça, é o primogênito e mais poderoso de todos os deuses... de todos os deuses, a cabeça é superior e a mais importante ... é maior que os deuses que se tomaram pedra ... eles não podem falar, e ninguém os vê quando estão comendo; se ...

(pg. 409)

... a pessoa sacrifica a eles ou aos *Egungun*, a comida é colocada no chão. É somente os sacrifícios à cabeça, que só você mesmo come.” Apesar das diferenças individuais e regionais nas interpretações acima documentadas, um padrão básico é evidente. Funções específicas são associadas com certas partes do corpo, e podem ser personificadas como almas separadas. A testa controla a sorte, a coroa guarda contra mal, o occipital vigia a parte de trás e o passado, enquanto os polegares do pé advertem o que de bem ou o mal dos que mentem à frente [no futuro]. A respiração é a força vital, dando o poder de falar e de fazer um trabalho. A sombra segue o corpo mas não tem nenhuma função durante a vida. O estômago controla a personalidade ou caráter, e cabeça controla a inteligência, contudo devem aqui ser mencionados um ritual relacionado de se lavar ou esfriar a cabeça. O padrão de personificação destas funções conduz facilmente a elaboração no conceito de almas múltiplas, com proliferação adicional sugerida pelos padrões de formação de [‘agentes’] substantivos [casuais], mas que até certo ponto se conteve nas comparações pelo reconhecimento que um único fenômeno pode ter vários aspectos diferentes.

Ao nascimento, cada pessoa recebe o seu destino, que inclui sua sorte, ocupação

e personalidade ou caráter, ao mesmo tempo, ele predetermina e fixa seu tempo de vida na terra. Se ele não viver até que o seu tempo tenha se esgotado, o seu fantasma completa e equilibra o seu tempo restante na terra em outra cidade. Os fantasmas estão associados com os mercados, não com cemitérios que formalmente não existiam antigamente, portanto os adultos eram enterrados dentro da casa. Imediatamente após a morte, os fantasmas visitam seus parentes que estão longe de casa para um [último] adeus, mas eles não podem falar com ninguém que realmente já sabem que eles estão mortos. Exceto nos casos de suicídios, quando as várias almas são reunidas no paraíso e são punidas pela a má ação.

Somente aqueles que viveram uma vida boa na terra podem ser reencarnados, depois de terem se reunido brevemente com os seus antepassados. Quando uma alma é renascida, normalmente um filho é o seu próprio descendente, lhe é atribuído um novo destino e é determinado um novo tempo de vida na terra, e recebe um novo corpo, talvez seja de um sexo diferente. Todas as almas não são renascidas, mas toda pessoa viva é uma reencarnação, na maioria dos casos de um antepassado patrilíneo do clã. O clã existe [tanto] no paraíso como também na terra, e os indivíduos residem

alternadamente nos dois reinos. Crianças que nascem para morrer (*abiku*) viajam com mais frequência de um lado para outro, permanecendo na terra somente por alguns anos ou talvez por alguns dias. Estas convicções apresentam logicamente vários problemas¹² com os quais alguns indivíduos tentam reconciliar, dando origem a várias outras interpretações e/ou especulações.

*Museum of Anthropology,
University of California,
Berkeley, California.*

¹²Um conceito que não foi satisfatoriamente explicado, é como que uma criança recém-nascida pode ser taxada de ter mau caráter, como parte de seu destino, que significaria dizer que é sentenciada ao céu ruim, no qual, a reencarnação é impossível.

GRUPO ORIXAS

<http://grupoorixas.wordpress.com/>

Agradecemos à Sra. Eleuza, do [MAE/USP](#), pela sua intermediação junto à Universidade da Berkeley, pela intermediação para obter este material via fax.

Ègúngún

Ègúngún pode ser um *Ègún*, mas nem todos *Ègún* são *Ègúngún*, *Ègún* pode ser *Òkú*, porem nem todos *Òkú*ⁱ poderão ser um *Ègún*.

Ègún deve ser tratado com respeito, com dignidade e com boa vontade, porque *Ègún* é um ser respeitável.

Ègúngún são nossos ancestrais, nós não maltratamos nossos parentes, nós não desfazemos dos nossos parentes, nós devemos respeitar nossos parentes como eles nos criaram.

Ègúngún é um antepassado que viveu com honra e com dignidade, devemos a ele o respeito e a boa vontade de cultua-lo com honra.

ⁱ *Òkú* – Cadáver, esqueleto, equivalente a espíritos.

Comida de Ègúngún

- àgbò (carneiro)
- Èyẹlẹ (pombo)
- Òòlẹ also called mọ́yín-mọ́yín (bolinho cozido, feito com feijão)
- Àkàrà (bolo frito, feito com feijão)
- Omi tútù (água fria)
- Emu ọpẹ (vinho de palma)
- Obì abata (semente de cola nativa Yorùbá)
- Oúnje ti ẹnu ba n'je (todas as comidas comestíveis)

Arísùn Ara Okú

“Bàbá Egungun olomọ ki nsùn o màá sùn ki o màá gbágbe ilẹ ma fi owo d’igi igbágbe mù lọrún” [Um ancestral que possui filhos e devotos não dorme não dorme e não esquece sua casa no Ọrun, meu pai, jamais abraça a árvore do esquecimento (jamais se esqueça das pessoas que te buvam)].

Por que cultuar Ègún?

De acordo com as concepções ancestrais da *Egbé Adjo Bí Èwe*, o culto a *Bàbá Ègún*, ou *Ara Ọrun* está intimamente ligado ao culto a *Egbé Ọrun*. O que ocorre a princípio é erroneamente associar *Egbé Ọrun*, à *Egbé Ọrun Kinkinkin*, uma vez que o primeiro se relaciona a *Egbé* ancestral dos seres humanos, e o segundo ao culto a *Àbíku*. Para entendermos o culto a *Egbé Ọrun*, diretamente se faz necessário compreendermos a essência do *Orí* (cabeça) dos seres humanos e principalmente como esses dois cultos podem estar interligados.

De acordo com o Corpus literário de *Ifá*, *Orí* reside alternativamente na terra (*Àiyé*) aonde somos conhecidos como *Ara Àiyé* (habitante da terra) e no *Òrun*, espaço ancestral, aonde somos conhecidos como *Ara Òrun*, ou cidadãos do *Òrun*. Sendo assim, podemos concluir que a crença na ancestralidade esta baseada em dois conceitos extremos:

Àiyé - mundo concreto

Òrun - espaço ancestral

É sabido por todos, que os seres humanos têm sua origem ligada a um destino que começa a ser determinado no momento da fecundação, e que, sendo assim, o mesmo passa por dois estágios, nascimento e morte, ou seja, dois nascimentos, uma vez que na concepção Yorùbá, a morte não é o fim e sim, apenas o início de um novo ciclo.

O *Èmí* (função vital que interage junto à *Orí*) perpetuasse, uma vez que o mesmo está associado ao nosso *Ara* no *Òrun* (*Egbé Òrun*), sendo assim independente de que ciclo *Èmí* esteja associado, o mesmo circula entre o *Òrun* e o *Àiyé*, criando um movimento e assim a possibilidade de manutenção concreta da energia ancestral, sendo assim, podemos concluir que sem a presença de *Orí*, e também do *Èmí*,

tornasse, sem sombra de dúvidas, impossível cultuarmos a ancestralidade.

Independente da idade do *Bàbá Ègún*, com certeza, o mesmo para ser assentado necessitou de *Àṣẹ* pessoais da pessoa a qual aquele ancestre trará proteção, e o seu culto, na comunidade fez com que, com o passar do tempo, o mesmo abençoasse seus devotos, saindo apenas do âmbito familiar.

Então faremos a clássica pergunta, se *Bàbá Ègún* está ligado à ancestralidade individual, como o mesmo pode abençoar mais de um devoto? E também como seria possível um *Ojé* invocar e evocar seu *Bàbá Ègún* independente do local que se encontre?

A resposta a essa questão é muito simples e se encontra presente em uma parte de um determinado *Oríkì* direcionado a *Bàbá Ègún*:

"Iba eni soje ki nto mo ra sé, Edun gbonraganda, A gbe aye gbe Òrun" [O grande venerável que vive entre os vivos e os mortos que se dobra em milhares de partes cidadão vindo do *Òrun* distante].

"Mo ri akuko kan soso bo igba Ègúngún" [Eu tenho um único galo para oferecer a 201 Ègúngún].

Em relação ao fato de um Bàbá Ègún ser assentado somente em último caso em uma casa de Òrìṣà, discordo por diversos fatores:

1) A ancestralidade é algo concreto, enquanto existir o homem, tempo e desejo, existirá o culto a Bàbá Ègún. Em outro *Oríki* de Bàbá Ègún, dizemos que por mais problemas que tenhamos, nós que temos nossos ancestrais no Òrun estamos tranquilos, pois todas as nossas aflições e a solução das mesmas se encontram nas mãos de nossos Bàbá.

2) É necessário entendermos as diferenças entre iniciação e assentamento:

Iniciação: despertamos nos seres humanos características que já se encontram presentes em nosso *Orí*.

Assentamento: buscamos suprir algo que não esteja presente em nossa essência.

Sendo assim, o culto a ancestralidade é algo presente na vida dos seres humanos, uma vez que um ser humano sem seus ancestrais é o mesmo que uma árvore sem raiz. O fato de que todos podem e devem cultivar sua ancestralidade, seja para buscarem maior movimento em sua vida, seja apenas para agradecermos aos ancestrais a oportunidade de estarmos vivos, seja pelo simples fato de estarmos em contato com energias que foram de sua importância para manutenção de nossa família, nada têm a ver com a questão dos mesmos poderem ou não se tornar sacerdotes de Bàbá Ègún.

“Oku olomọ ki nsun, o di owo baba mi lỌrun”. [Um ancestral não dorme, não esquece as pessoas que deixou para traz; a solução de todas as dificuldades em minha vida está nas mãos de meus ancestrais no Ọrun].

Acredito que ao avaliarmos os acontecimentos e a estruturação do culto a *Bàbá Ègún* na diáspora seja ela Brasileira ou Cubana, devemos, em um primeiro momento separarmos fundamentos religiosos e condicionamento cultural. Acredito que pessoas que vieram antes de nós, fizeram o possível para que nossas tradições se mantivessem através dos tempos. O fato de particularmente, ter optado por seguir o culto tradicional, em momento algum tira meu respeito, conhecimento e admiração pelas nossas tradições e consequentemente pelas pessoas que lutaram para que ela se perpetuasse. Porém, reconheço que muito se perdeu e a falta de determinados conhecimentos fez com que certo misticismo criasse um determinado temor para justificar muitas práticas.

Aqui dizíamos, até muito pouco atrás, que mulheres não participam do culto a *Bàbá Ègún*, mas podemos perceber em um dos mais variados *Oríkì* - *Ewi* - *Esã* é justamente o contrário:

“Bì obinrin mo awo, Bì okunrin mo awo, ko gbodo wi, ko gbodo fò, ko gbodo so, Egungun ilé Egbé Adjo Bí Èwe ooooo, Omo a reku , tosi nu , Odún Bàbá wà la nṣe o, Igba yi a gbe wà” [A mulher que conhece o segredo, não deve revelá-lo. O homem que conhece o segredo, não deve revelá-lo. Eles não devem abrir a boca. Eles não devem falar. Chegou *Ègún* da *Egbé Adjo Bí Èwe*. que venerando seus ancestrais afasta a pobreza e a doença, estamos venerando nosso pai, esse tempo nos será favorável].

Aqui dizemos que não se pode tocar em *Bàbá Ègún*, que o contato com a roupa é prejudicial, mas podemos notar nas imagens que na cultura Yorùbá o *Bàbá Ègún* possui uma postura diferente da que conhecemos aqui, muitas vezes inclusive, podemos ver um *Bàbá Ègún* louvando, e pedindo proteção a crianças:

“Ègúngún ilé Egbé Adjo Bi Ewe ooooo, ọmọ lagbajà re o, má jè ikú o ọ́ọ́ o, má jè arun o ẹ̀ẹ, jè o dagba, ki o gbeyin bàbá àti iya, ki o ẹ̀ẹ ori re, má jè oşó , ológun ika o ri pa, má jè ajẹ Ọlógún ika o ri pa” [Ègúngún da Egbé adjo bi ewe, aqui esta o filho de: proteja-o, contra a morte, proteja-o contra a doença, ajude-o a viver bastante, que ele não morra antes dos pais, que tenha muita sorte na vida, proteja-o para que não seja destruído pelos feiticeiros, proteja-o para que não seja destruído pelas feiticeiras].

Em momentos de dificuldade, crise em familiares consanguíneos ou religiosos, *Bàbá Ègún*, muitas vezes atua como juiz, uma vez que os envolvidos são levados a sua presença e após a apresentação e correta evocação, são feitos os relatos do ocorrido. As citações acima, mostram a influência e a importância da ancestralidade nas relações sociais e cotidianas. Um ancestral insatisfeito com comportamentos sociais inaceitáveis, como adultério, desrespeito aos mais velhos, transgressões de interdições ou o não cumprimento de leis que regem a vida social do povo, muitas vezes atua como conselheiro, avaliando as situações, aconselhando seus filhos e devotos, para que a ordem seja restabelecida. Além de prestar auxílio ligado a ordem

social, os ancestrais são evocados para auxiliar no progresso da agricultura, garantindo chuvas e boas colheitas, etc...

É impossível avaliarmos os acontecimentos passados, para que possamos entender o porque o culto a *Bàbá Ègún* foi desassociado do culto a *Òrìṣà*, mas devo mencionar que o mesmo ocorreu com *Ifá* na *Nigéria* e no *Benin*, esses cultos não são diferentes, interagem juntos, são partes de um todo e a verdade maior disso tudo esta na *Igba Odù*, (Cabaça da existência), representando os dois espaços, céu e terra (*Òrun* e *Àiyé*), as divindades e manifestações energéticas que interagem em conjunto.

Em meu ponto de vista, é impossível falarmos de nossa religião, sem darmos aos ancestrais o verdadeiro papel que eles ancestrais não devem ser temidos, devem ser amados e buvados, e nós sacerdotes capacitados para trazermos o conhecimento e a liturgia ancestral, devemos nos conscientizar assim como os demais praticantes da importância de ter acesso as possibilidades criadas ao estarem em contato com os mesmos. Não existe diferenciação dos *Bàbá Ègún* cultuados na Ilha de Itaparica-Bahia, dos cultuados no *Benin* ou na *Nigéria*, ou mesmo os que podem vir a ser

cultuado nos *Ilé Lesé Òrìṣà*, existe a necessidade de conscientizarmos e prepararmos sacerdotes para que possamos lhes render homenagens.

"Tba nbẹ lenu mi o o, Àṣẹ si nbẹ lowo ara Ọrun, e màá jẹ iba wùn wà o o, Àṣẹ te fún wà, oun la nlo, bi o bà si atò Àṣẹ ki ndomo, bi o bà si atò Àṣẹ ki ndomo o o, àwà LÀṣẹ, enyin lato, àwà lato, enyin LÀṣẹ" [A forma correta de saudar está em minha boca. O Àṣẹ esta junto ao venerável cidadão que vêm do céu, permitam que minhas saudações sejam favoráveis, estou evocando o Àṣẹ que você nos deu. Sem o poder do sêmen o óvulo não fecunda, sem o poder do óvulo o sêmen não fecunda. Vocês são sêmen. Nós somos os óvulos]

Ao analisarmos esse trecho postado de um determinado *Oríkì - Ewi - Esa*, podemos chegar a evidente conclusão que sem a presença de nossa ancestralidade não somos nada, não teríamos vivido e com certeza não estaríamos tendo esse debate, portanto na verdade o que realmente existe e a necessidade de colocarmos a ancestralidade no local aonde ela merece, em um patamar digno, sem falsos dogmas ou misticismos, para que a mesma deixe de ser temida, ou até mesmo de ser algumas vezes motivo de chacota, e seja sim, respeitada, viva e presente.

Relato do *Chief Adisa Awoyemi Olaifa Aworeni* da família religiosa do *Àràbà de Ilé Ife (Egbé Adjo Bi Ewe)*. – enviado por Rudinei Oliveira

Arisùn ara òkú

Por Rudinei Oliveira

“Bàbá Ègúngún olomọ ki nsùn o màá sùn ki o màá gbágbe ilẹ ma fi owo d’igi igbágbe mù lórún” [Um ancestral que possui filhos e devotos não dorme não dorme e não esquece sua casa no òrún, meu pai, jamais abraça a árvore do esquecimento (jamais esqueça as pessoas que te buvam)].

Dentro da concepção de morte na cultura Afrosul, não é usado a expressão “Morrer”, pois na cultura e Religião Yorùbá, acredita-se aquele que quem morreu está viajando, onde ele poderá reencarnar infinitas vezes, pois acreditam que a melhor coisa é estar vivo, ter dinheiro, muitos filhos e adquirir uma vida longa para poder ter uma morte madura, estimativa considerada acima de 70 anos. O indivíduo reencarnará e se tiver uma vida digna poderá ser lembrado, através de seus bons atos e atitudes durante sua passagem pela Àiyé (terra), pois Ifá diz que uma boa recompensada no céu é “Ìwà pèlẹ” (bom caráter) e que o melhor remédio para longevidade é um caráter amável e não arrogante, “o aprendizado nos torna sábio para que possamos deixar a arrogância longe do nosso ser”.

E ocorrerá que no sétimo dia um julgamento no *Òrun Ìsàlú* ou *Àsàlú*, local onde são realizados os julgamentos dos seus atos durante toda sua vida na *Àiyé* (terra), caso seja julgado suas atitudes boas no *Àiyé*, ele passará a viver no *Òrun* ou ao contrário ele passará a viver no *Òrun Àpáàdì*, um lugar onde nem um ser vivo gostaria de viver; este local destina-se os cacos das coisas impossíveis de reparar e de serem impossíveis de reencarnar.

Durante os anteriores seis dias são realizados os rituais mortuários, estes rituais denominam-se "*Erosùn*" que significa "sono calmo". Durante sete dias o espírito descansa, dorme, ao final do sétimo dia, logo após o julgamento e rituais, é possível o sacerdote consultar um jogo divinatório para ver qual caminho aquele espírito foi julgado. Se ganhar a dádiva de se tornar *Ègún*, poderá já usar de seu poder de "*vencer a morte*" e vir pela primeira vez fazer a primeira refeição com seus descendentes, digo a primeira vez porque muitos alegam ser a última refeição, como veremos abaixo:

Omoluabi: Se reúne todos os requisitos que o caracterizam e o mesmo repousarão junto a seus ancestrais, desfrutando de absoluta felicidade no *Àiyé* (terra), onde será cultuado coletivamente como *Ègún* no *Igbalè*.

Ègún: Sendo um iniciado em nossa religião e com um comportamento digno, observando as leis de *Olórun* durante sua vida, amado e respeitado por seu povo, deixando filhos, e tendo uma morte madura, repousará junto aos *Ègún* e seus ancestrais em paz e felicidade, podendo ser individualizado após mais sete anos, onde seu nome em vida é esquecido e ganha um novo nome atribuído a suas qualidades durante a vida, este deve ser em *Yorúbà*, assim sendo individualizado e cultuado separadamente dos demais *Ègún* coletivos, podendo até mesmo chegar a dádiva de se tornar um “caminho de *Òrìṣà*”, como ocorreu com *Bṅgboṣé* que hoje é caminho de *Ṣàngó*.



A origem ao culto dos ancestrais.

Considera-se que o culto de *Ègúngún*, teve início na região de *Ôyó*, criando assim um vínculo ritualístico entre *os Aláààfin* de *Ôyó*. Aqui no Brasil por muitos anos os sacerdotes (isas) difundiram o mito de que *Şàngó* temia *Ègún*, tal fato veio ser quebrado com a inclusão digital. Afinal se o culto de *Ègúngún* teve origem em *Ôyó*, logo após a divinização dos antigos regentes do estado, logo não teria fundamento acreditar que *Şàngó* temeria *Ègúngún*.

Há relatos de que os seguidores do grande *Aláààfin* eram reconhecidos por um tufo de cabelo localizado no topo da cabeça, este tufo chamado de *Adoşù* [fonte Luiz L. Marins], talvez seja isso que tenha dado origem do ato de *Adoşù* um *Èlégún* na sua iniciação, o mesmo deveria render homenagem à *Şàngó*, afirmando que ele era um seguidor do grande *Aláààfin*. Sabe-se que assim que o rei morria, no seu quarto eram sacrificados escravos, ou quando assim os deuses acometiam grandes provações, ritual ao qual não temos mais relatos da sua existência.

A internet promoveu espaço para estudiosos postarem suas teses e retirar o véu da ignorância que acometia os seguidores da cultura Afrobrasileira, preço imposto pelo sofrimento, perseguição e preconceito que sofreu a religião no início da sua estruturação. Foi com Verger que a situação mudou um antropólogo Frances que melhor documentou e registrou conceitos, rituais e divindades, acredito que ele foi responsável pela atual estruturação religiosa, trazendo cultura e despertando

Hierarquia

Outro assunto extraordinário é a hipervalorização do *Bàbálòrìṣà* no culto Afro-brasileiro, “o autoritarismo e o absolutismo dos reis negros continuou nas Américas, e um dos exemplos disso é o culto ao chefe religioso (sim, pois quem é cultuado é o *Bàbálòrìṣà*, não o *òrìṣà*), mesmo que se tenha tentado camuflar isso jogando a culpa do tráfico nos europeus, quando a guerra e a captura eram feita pelos próprios negros contra negros, dentro do território africano” comenta o escritor Luiz L. Marins, levantando um ponto importantíssimo a ser estudado e discutido pelos estudiosos.

Muitas vezes percebemos que as divindades são obrigadas a prostrar-se diante do seu sacerdote, num gesto de submissão e humildade, invertendo os valores e conceitos que muitas vezes passam por cima das capacidades religiosas minando a própria estrutura Afro-religiosa. O trono do sacerdote é imposto junto do seu cargo e os demais cargos assumidos pelos seus iniciados de confiança e mais velhos, criando uma corte de serviçais para os afazeres do templo, que na verdade deveriam ser feitos sem a obrigatoriedade e ou imposição, em alguns casos vemos até mesmo divindades (Erês) varrendo o chão, cozinhando e lavando os apetrechos dos templos, enquanto os mais velhos comandam os afazeres com varas de marmelo na mão.

Por Erick Wolff==